

A Teoria Ator-Rede e o ensino de violão na modalidade EaD: primeiras aproximações

Bruno Westermann

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

brwestermann@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta as primeiras aproximações acerca da Teoria Ator-Rede (LATOURE, 2012) como fundamentação teórica para a pesquisa sobre o ensino de instrumentos musicais na modalidade a distância. Inicialmente a teoria é introduzida, seguida pela Cartografia de Controvérsia, nome dado à metodologia de pesquisa utilizada dentro dessa teoria. Em seguida são feitas as primeiras considerações acerca do ensino de instrumentos musicais a distância enquanto objeto de pesquisa e as possíveis análises feitas a partir da Teoria Ator-Rede.

Palavras chave: Ensino de instrumentos musicais, Educação Musical a Distância, Teoria Ator-Rede

Introdução

O presente trabalho está inserido em uma pesquisa de doutorado sobre o ensino de violão via internet, em um curso de licenciatura em música na modalidade a distância. Expõe as primeiras considerações acerca da fundamentação teórica deste trabalho, a Teoria Ator-Rede (TAR) (LATOURE, 2012), sua metodologia de pesquisa e suas possibilidades de análise no contexto estudado. Para isso, num primeiro momento discorreremos sobre a própria teoria e seus conceitos fundamentais, seguidos de considerações acerca da Cartografia de Controvérsia, nome dado à concepção metodológica de pesquisa utilizada dentro da TAR. Por último, descreveremos nosso objeto de pesquisa, a interdisciplina de Violão do curso de Licenciatura em Música da UFRGS – modalidade a Distância, e as possibilidades de análise a partir da Teoria-Ator Rede. Nosso principal objetivo neste momento é realizar as primeiras aproximações entre a teoria e o contexto estudado, além de apresentá-la como uma possibilidade de fundamentação teórica dentro da área de Educação Musical.

A Teoria Ator-Rede

A Teoria Ator-Rede (TAR) é uma teoria da sociologia que nasce a partir da crítica à própria área. A premissa inicial é o questionamento do termo “social” e sua forma de utilização dentro das ciências sociais. Segundo Latour (2012), normalmente “social” faz referência algum tipo de “estrutura social” que já está pronta, uma formação já agregada cujas características próprias influenciam e justificam o comportamento daqueles que estão inseridos nela. Latour se opõe a tal definição, propondo que o foco de estudo das ciências sociais – e por consequência a compreensão do termo “social” – deve ser antes as associações que formam as estruturas e não as estruturas já formadas, as associações (suas causas e características) entre coisas distintas e não as características de um todo supostamente homogêneo. A partir disso, são os elementos agregados que vão dar origem aos grupos sociais e suas formas de estruturação. Como afirma Lemos (2013, p. 35), “O social não é visto como uma substância”, que transita de um elemento a outro dentro de um determinado contexto e influencia seu comportamento, mas uma construção dos próprios elementos que a constituem.

Aos elementos que se associam é dado o nome de atores-rede. Esse termo remete ao agente como fonte e como foco da ação, que age e ao mesmo tempo sofre a agência de outros elementos. O resultado dessa ação conjunto é a perda da noção exata de quem está fazendo o que. Latour usa o exemplo do teatro para tornar clara sua ideia, ao dizer que no palco o ator está sempre acompanhado da iluminação, cenário, figurino, maquiagem, e todos estes elementos atuam *sobre* ele e *com* ele (LATOURE, 2012, p. 75). O ator, por sofrer a ação de todos estes elementos, acaba não atuando sozinho. Ator-rede, então, representa a ideia de que não existe ação isolada, e de que aquele que age também é fruto de uma rede de ações.

No estudo das associações Latour lança mão do termo actante, originado dos estudos de literatura (LATOURE, 2012, p. 86) e que pode ser definido como tudo aquilo que conduz à ação. Diferente do termo ator (que remete à figura do ser humano que atua), o actante possibilita uma interpretação mais ampla, pois pode fazer referência tanto ao

elemento humano quanto aos não humanos, como instituições, ideias e objetos. Parte-se do princípio, então, que todos estes elementos (humanos ou não humanos) podem levar outros elementos a fazerem coisas, e por isso podem ser considerados actantes. A relevância dessa compreensão está no fato de, na Teoria Ator-Rede (TAR), humanos e não humanos estarem em um mesmo nível de análise, sem diferença hierárquica, sendo ambos actantes. Compreende-se que sujeitos agem sobre objetos tanto quanto objetos agem sobre sujeitos, e ambos levam os outros a fazerem coisas.

Esse princípio de simetria entre os actantes humanos e não humanos é, talvez, uma das principais características da TAR. Ao definir o ator como “qualquer coisa que modifique uma situação”, Latour defende que os objetos modificam situações e mudam a forma como ações são realizadas (LATOURET, 2012, p. 108). Ou seja, objetos agem. Esquentar água com ou sem panela, colocar um prego na parede com ou sem martelo, parar um carro com ou sem freio, são exemplos simples trazidos pelo autor, mas que são precisos o suficiente para deixar claro seu ponto, de que objetos modificam as formas de fazer algo. Não é difícil assumirmos este ponto de vista quando nosso foco passa a ser as tecnologias digitais e os objetos que fazem parte desse contexto, especialmente aqueles que estão mais presentes na vida cotidiana de indivíduos de grandes centros urbanos. Ao acordarmos pela manhã e verificarmos a previsão do tempo no smartphone ou na televisão, decidiremos baseados nisso o que vestir e que artefatos levar para a rua. Se estamos com receio de que haja engarrafamentos em nosso caminho até o trabalho, aplicativos de celular podem indicar caminhos com menos trânsito, inclusive nos guiando em voz alta enquanto dirigimos. Não raro indivíduos que buscam aprender a fazer algo (seja uma receita de molho de tomate, seja um solo de guitarra) procuram o YouTube e lá obtêm orientações em vídeo, passo a passo, sobre como realizar determinado feito. Em todos estes exemplos, os objetos (e as informações inscritas neles) guiaram decisões, levaram os indivíduos a fazerem coisas, nos ensinaram algo.

Uma rápida análise dos exemplos dados pode nos levar a dizer que em todos os casos há, por trás dos objetos, a ação humana que de alguma forma os “programou” para que realizassem as tarefas, o que é correto. Mas, se analisarmos a situação por intermédio

da TAR, poderemos dizer que os objetos são actantes e, como tal, não agem sozinhos, mas influenciados por outros actantes. Estes “outros actantes” são, por exemplo, os indivíduos que alimentaram o objeto de informações, que programaram seus algoritmos, que gravaram os vídeos e fizeram postagens no YouTube. E as ações dos indivíduos que usaram os objetos são influenciadas por eles, os objetos, e por todos as pessoas que agiram sobre ele.

Dentro desse contexto, dois conceitos importantes do léxico da TAR, que são os *intermediários* e os *mediadores*. Intermediários são os elementos (sujeitos ou objetos) que fazem parte do agregado social, que transportam significados, mas não o alteram e, por consequência, não são actantes. Ao questionarmos um usuário do YouTube que quer aprender a tocar um solo de guitarra, este pode nos informar que tanto o computador quanto o site são intermediários, pois simplesmente disponibilizam o acesso à informação postada por outro usuário, sem que ela seja alterada ou modificada. Entretanto, ao analisarmos o algoritmo de busca do YouTube, veremos que possui regras que influenciam a lista de resultados de cada usuário, o que conseqüentemente vai influenciar os vídeos que serão assistidos. Nesse caso, YouTube não é mais um intermediário, mas um mediador. Chama-se de mediador o elemento que modifica, distorce, altera significados. Ele não é neutro, pois sua ação é influenciada por todas as ações das quais já foi foco. Por influenciar no comportamento dos elementos da rede, o mediador é sempre um actante.

Além de servirem como ilustração para estes dois conceitos, o exemplo dado mostra que um mesmo elemento, em um mesmo contexto, pode desempenhar o papel de mediador ou de intermediário. Tudo vai depender, principalmente, do ponto de vista do interlocutor. Para um usuário, o YouTube pode ser um intermediário; para um programador, é um mediador. E ambos estão corretos. Essa multiplicidade de pontos de vista que chegam a interpretações diferentes dos mesmos fatos são chamadas de controvérsias e serão exploradas na próxima seção, onde trataremos da metodologia de trabalho que se desenvolve a partir da Teoria Ator-Rede.

Cartografia de controvérsia

Como coloca Lemos (2013, p. 107) “Se a TAR é uma teoria, a Cartografia de Controvérsias [...] é sua metodologia”. Assim, Cartografia de Controvérsia (CC) é a denominação dada à concepção e procedimentos, ao conjunto de técnicas de investigação que surgem a partir do exercício prático da Teoria Ator-Rede. Mesmo caracterizada como uma metodologia, não possui regras fixas ou procedimentos padrão e tem como ferramentas básicas *somente* a observação e a descrição (VENTURINI, 2010). Basear-se *apenas* nestas duas atividades não torna o trabalho mais simples, uma vez que Latour (2012) deixa claro que sua proposta é desacelerar o processo de pesquisa, de forma que a observação seja rica em detalhes e em pontos de vista.

Venturini (2010), assim, sugere três mandamentos da observação inserida na CC. O primeiro, é não restringir as ferramentas utilizadas para a coleta dos dados, lançando mão do máximo de instrumentos dos quais dispuser o pesquisador. O segundo é não pretender ser imparcial, mas observar o objeto de pesquisa dos mais variados pontos de vista possíveis. A terceira, priorizar o que os atores investigados tem a dizer, e não a interpretação do pesquisador sobre o que dizem. Ou, nas palavras de Latour, “seguir os próprios atores” (LATOURE, 2012, p. 31). Isto exige uma postura diferenciada por parte do pesquisador, uma vez que assume que são os atores, inseridos no contexto, que tem melhores condições de conhecerem o fenômeno a fundo e não o pesquisador, que normalmente é um indivíduo externo e se envolve com o objeto de pesquisa por um tempo determinado.

Quando dois sujeitos de um mesmo contexto colocam opiniões divergentes sobre o mesmo assunto, quando opiniões entram em embate e tensões se criam entre determinados atores, temos o que Latour chama de controvérsia. A controvérsia é o momento onde associações estão sendo feitas e onde um agregado social ainda não está totalmente formado, período de negociações onde é possível analisar com maior clareza quem são os mediadores e intermediários, através da circulação de suas ações. Quando a associação ainda não está totalmente formada e suas regras não estão estabelecidas é possível entender quais fundamentos e ideologias estão sendo debatidos e como

determinarão o sucesso e o fracasso de um projeto. Para o autor, o pesquisador que investiga uma controvérsia só deve buscar a ordem e a explicação dos fatos depois que os atores todos tiverem aberto seus leques de controvérsias, e depois de muita descrição. Não se deve disciplinar os atores ou criar categorias para encaixá-los, mas deixar que eles nos digam como se estabelecem. São os atores que devem definir e ordenar o social, e não o analista (LATOUR, 2012).

A metáfora da cartografia vem nessa mesma direção. Ao desenhar um mapa, um cartógrafo vai querer coletar o maior número de dados possíveis de um terreno, a fim de que sua representação seja o mais fiel possível ao real, ao invés de tentar encaixar um recorte sinuoso em uma forma geométrica já existente (LATOUR, 2012). Dessa forma, descrever o social é mais um trabalho de coletar muitas informações buscando desenhar as associações e as controvérsias, ao invés de encaixá-las em algum tipo de categoria.

Na área de Educação Musical, uma controvérsia atual no momento da escrita deste trabalho é a discussão sobre a nomenclatura Ensino em Grupo ou Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais, na qual autoridades da área que vêm discutindo o assunto e defendendo suas posições epistemológicas. Uma cartografia dessa controvérsia deveria buscar ir atrás dos rastros de todos os actantes, compreender os motivos da divergência e no que se fundamentam os pontos de vista; verificar quem ou quais são os mediadores, cuja ação tem impacto maior ou menor na discussão; quem são os intermediários, que não alteram em nada o curso das discussões. Em alguns casos, a experiência prática de um sujeito (o espaço físico disponível, as condições de trabalho) pode ser um actante importante, pois são elementos não humanos que agem na discussão. Preferencialmente, esta cartografia deveria propor uma resolução para a controvérsia, pois parte-se do princípio de que o pesquisador ouviu todos os pontos de vista em exaustão. Entretanto, não é o pesquisador quem vai definir isso, mas a própria área, uma vez que aceite ou não a proposição de quem a estudou.

Cartografia de Controvérsias sobre o Ensino de Violão na modalidade a distância

O livro EAD na Formação de Professores de Música: Fundamentos e Prospecções (NUNES, 2012) traz diversos artigos que registram a experiência de oferta do Curso de Licenciatura em Música da UFRGS – modalidade a distância. São apresentados diferentes aspectos dessa realização, desde os fundamentos teóricos até relatos de experiência da sua oferta. O relato que trago aqui, como ponto de partida de uma possível Cartografia de Controvérsia, é o da equipe que desenvolveu a interdisciplina de violão neste curso. No relato, que representa um capítulo do livro, logo na introdução encontramos a seguinte colocação:

O texto que segue relata e retrata a forma como o trabalho foi desenvolvido e as mudanças que foi sofrendo ao longo do tempo, no intuito de adequar-se à proposta em questão. Cada um dos itens será descrito sob o ponto de vista da maneira como era realizado no início do curso e como passou a ser realizado durante o decorrer e no final do curso. (TOURINHO et al, 2012, p. 150)

Essa citação é um rastro, um registro que resume algo corriqueiro durante praticamente todo a oferta do curso, a necessidade de mudança de rumos dos mais variados aspectos da realização dessa interdisciplina (e desse curso, talvez) em virtude de problemas que a prática nos apresentava. Formar professores de música em nível de graduação na modalidade a distância, naquele período, era uma novidade e mesmo o curso em questão não sendo o único era, tal qual os outros, novo. Mesmo com todo o planejamento possível, muito cuidadoso e fundamentado, a prática nos desafiava com situações novas, variáveis sequer imaginadas e que demandavam constantes reflexões, novos planejamentos e novas ações.

Seguindo no texto aqui analisado, após explanar sobre a fundamentação teórica dessa proposta de ensino de violão, a seção do relato de experiência propriamente dito nos apresenta, já no início

Iniciamos discorrendo sobre o material didático produzido durante o curso, ilustrando os diversos recursos empregados neste material. Seguimos

explanando as metodologias de ensino adotadas, destacando a abordagem multimodal em educação musical descrita por (WÖHL-COELHO, 1990) [sic]. (TOURINHO et al, 2012, p. 156)

Nos parágrafos que seguem, os autores do texto (grupo do qual faço parte) descrevem, de maneira sucinta, os processos de mudança pelos quais passaram os materiais didáticos e a metodologia de ensino da interdisciplina de violão, sempre justificando essas mudanças com a necessidade de adequação aos objetivos do curso, aos problemas das mais variadas natureza que a sua oferta apresentava, e às problematizações feitas pelos próprios integrantes da equipe a partir, na maioria das vezes, de reivindicações dos estudantes.

A análise deste texto – que é influenciada pelo fato de ser um dos autores e de ter participado de maneira ativa do processo relatado por ele –, baseada na TAR, nos sugere que os momentos em que foi necessário repensar a metodologia de ensino e a natureza dos materiais didáticos foram momentos de controvérsia. Controvérsias entre os objetivos da equipe da interdisciplina e os objetivos do curso, entre a expectativa da professora de instrumento e a expectativa dos alunos, entre o que se idealizou para o ensino de violão nessa modalidade e as possibilidades reais de infraestrutura, etc. Os actantes, neste contexto, foram os sujeitos envolvidos mas também objetos (computadores, internet) e ideias (concepções de ensino divergentes) que de alguma forma agiram na realização do curso e, sem os quais, esta ação não teria se dado da forma como ocorreu.

O que levantamentos até aqui não são certezas, mas hipóteses. Entretanto, é atrás de rastros que nos permitam chegar a conclusões mais sólidas que pretendemos ir atrás. Nossa pesquisa pretende partir desta hipótese, de que as mudanças foram frutos de controvérsias, para descrever todo o processo de elaboração e oferta desta interdisciplina ao longo dos quatro anos e meio do curso e elaborar a cartografia das controvérsias encontradas. Para isso, pretendemos analisar os ambientes virtuais nos quais a disciplina foi ofertada, fazendo uma análise minuciosa de todos os registros que ainda estão lá, analisar a própria estrutura do ambiente virtual, e coletar depoimentos dos próprios indivíduos que fizeram parte deste trabalho (coordenação, professores, equipe técnica, tutores, alunos).



Segundo Fenwick e Edwards (2010), a principal utilidade da TAR aplicada à educação se dá em virtude das grandes mudanças que esta sofreu ao longo das últimas três décadas, onde tornou-se muito mais difusa, diversa e repleta de práticas variadas. Compreendemos que a principal contribuição de um trabalho de natureza descritiva como este é apresentar o registro detalhado de uma dessas práticas variadas, uma proposta de ensino de instrumento que, na época de sua realização, era inédita e até hoje carece de informações sistematizadas sobre sua realização. Atualmente a prática de ensino de instrumentos na modalidade a distância segue praticada em cursos de nível superior no Brasil, e revisitar uma dessas práticas de maneira objetiva poderá fundamentar reflexões sobre outras propostas de ensino similares.

Referências

FENWICK, Tara; EDWARDS, Richard. *Actor-network theory and education*. New York: Routledge, 2010.

LATOIR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

NUNES, Helena (Org.). *EAD na Formação de Professores de Música: Fundamentos e Prospecções*. Tubarão: Copiart, 2012.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public understanding of science*. SAGE publications, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.